



Factura das cotadas com juros dispara 20% no espaço de um ano

Empresas da bolsa pagaram 1,5 mil milhões de euros de juros nos primeiros nove meses do ano, mais 265 milhões que no mesmo período de 2011.

Rui Barroso
rui.barroso@economico.pt

As empresas da bolsa portuguesa estão a ver a factura com juros pesar cada vez mais nos encargos. Nos primeiros nove meses do ano as 15 cotadas do sector não-financeiro tiveram de pagar 1,52 mil milhões de euros em juros, uma subida de 21% face ao mesmo período do ano anterior, segundo cálculos do Diário Económico baseados nos relatórios e contas das empresas. É que, apesar das taxas que servem de indizantes a empréstimos bancários - as Euribor - terem baixado, os 'spreads' aplicados pelas entidades financeiras subiram. Além disso, as emissões de obrigações ou de papel comercial também têm de ter taxas mais altas para atrair investidores.

O aumento dos encargos com a dívida estão a ter uma proporção cada vez maior nos resultados das empresas. Se nos primeiros nove meses de 2011, o valor dos juros pagos era equivalente a 59% dos lucros conseguidos, este ano essa relação subiu para 70%. E dada a situação financeira e económica do país, as cotadas nacionais estão a ser penalizadas face às pares europeias, devido aos maiores custos de financiamento. A Portugal Telecom, por exemplo, vê os seus títulos de dívida com maturidade em 2019 a negociar no mercado secundário com uma taxa de juro implícita de 5,13%, o que compara com a taxa de 1,73% da Deutsche Telekom na mesma maturidade. Já a EDP vê as suas obrigações com maturidade em 2020 a transaccionarem com uma 'yield' de 4,28%, o que compara com os 1,61% da E.On. Apesar da grande diferença, de referir que essa discrepância tem diminuído nos últimos tempos, graças à descaída da percepção de risco do mercado sobre a dívida do estado e das empresas portuguesas.

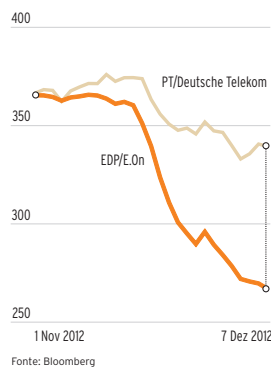
Empresas reduzem dívida, mas não conseguem diminuir encargos

A maior parte das empresas até conseguiu reduzir o valor em dívida, apesar do montante con-

junto das empresa ter aumentado graças à subida da dívida da EDP. Mas mesmo conseguindo abater o valor em dívida viram a factura com juros subir, fruto dos maiores custos de financiamento. Um dos exemplos é a Sonae. A 'holding' referiu no seu relatório e contas que os encargos financeiros subiram apesar do montante em dívida se ter reduzido. E explica que o "aumento da taxa de juro global efectiva da dívida foi determinado exclusivamente

DIFERENCIAL ELEVADO

Diferencial entre os juros implícitos da dívida da EDP e da E.On e da PT e da Deutsche Telekom (valores em pontos base).



pelo aumento de spreads, já que as taxas Euribor se mantiveram em níveis historicamente baixos". A empresa viu os seus custos com juros subir mais de 13% apesar de ter reduzido a dívida líquida em 181 milhões de euros, para dois mil milhões de euros.

Mas a 'holding' liderada por Paulo Azevedo nem foi a cotada que viu a factura com juros disparar mais. Os encargos com dívida da Semapa registaram uma subida homóloga de 86% para 54,3 milhões de euros. Estes números explicam-se pela subida da dívida líquida de 977 milhões para 1,54 mil milhões de euros, fruto de aquisições feitas pela empresa. Também a Portugal Telecom viu a sua factura com juros subir 85%. A operadora justifica o aumento de 199 milhões para 369 milhões de euros com a consolidação da Oi, da Contax e das 'holdings' brasileiras. Além disso, a empresa viu o custo médio da dívida subir de 3,40% para 4,20% no espaço de 12 meses.

Mas a empresa do PSI 20 que mais dinheiro tem de alocar para garantir o pagamento de juros de dívida é a EDP, que tem também a maior dívida líquida entre as empresas da bolsa nacional. A eléctrica pagou 519,6 milhões de euros em juros mais 6,74% que no período homólogo. Apenas três cotadas conseguiram um alívio dos encargos com juros (Galp, Altri e Cofina). No caso da petrolífera, o pagamento de juros desceu graças à redução da dívida líquida de 3,4 mil milhões de euros em Setembro do ano passado para 1,4 mil milhões no final do terceiro trimestre deste ano.

Outro factor que está a pesar no custo de financiamento das cotadas é a estratégia de tentar assegurar empréstimos de longo prazo, que em teoria são mais caros, para garantir a cobertura da dívida e diminuir as pressões de refinanciamento. Um dos exemplos é a Mota-Engil, que assume que está a "adequar a maturidade da sua dívida, até aqui com grande peso do curto prazo, que conduzirá ao reescalonamento para médio e longo prazo". ■

FACTURA COM JUROS

Montante total pago em juros (valores em milhões de euros) e subida homóloga dos encargos com dívida.

	Aumento de encargos com juros (em %)	Custos com juros (em milhões de euros)
Semapa	86,60	54,3
PT	84,85	368,6
Zon	48,02	26,2
REN	37,82	98,4
Mota-Engil	31,89	67
Sonaecom	19,01	14,4
Sonae	13,44	76,8
EDPR	9,04	152
EDP	6,74	519,6
Portucel	5,93	14,3
JMT	2,05	24,9
Soane Ind	1,89	26,9
Cofina	-2,27	4,3
Altri	-4,80	31,7
Galp	-46,34	44
Total	21,06	1523,4

Nota: Na REN foi incluído o valor dos resultados financeiros já que a empresa não revela apenas a parcela com pagamento de juros.
Fonte: Relatórios e Contas

EDP E PT SÃO AS EMPRESAS





Paulo Alexandre Coelho

QUE PAGAM MAIS JUROS

A EDP, liderada por António Mexia (à direita), e a Portugal Telecom, presidida por Zeinal Bava (à esquerda), são as cotadas que têm a maior factura com pagamento de juros, com o risco do país a obrigá-las a pagar mais do triplo que as suas congéneres alemãs para conseguirem financiamento. No seu conjunto, os encargos líquidos com dívida situaram-se em 888 milhões de euros, 58% do total pago em juros pelas cotadas não-financeiras do PSI 20. A EDP tem a maior dívida líquida da bolsa nacional, 18,3 mil milhões de euros, e a Portugal Telecom que viu a sua factura com juros disparar devido à integração da Oi, tem uma dívida líquida de 4,6 mil milhões de euros.

Empresas prometem combater nova bolsa para PME

Abel Ferreira muito crítico face a projecto da NYSE Euronext.

Tiago Freire e Hugo Monteiro
tiago.freire@economico.pt

“Tudo faremos para que este projecto não seja concretizado nestes termos”. Quem o diz é Abel Ferreira, presidente executivo da AEM, que representa praticamente todas as cotadas portuguesas, em reacção ao projecto de criar uma nova bolsa europeia para pequenas e médias capitalizações. De acordo com o que é conhecido, esta nova bolsa abrangerá todas as empresas cotadas em Lisboa excepto pouco mais de 10, as que têm uma capitalização superior a mil milhões de euros.

“A Euronext pode ter as propostas que entender, fazer os comunicados de imprensa que entender, mas não pode, sozinha, concretizar este tipo de projecto que, desde logo, tem aspectos de duvidosa legalidade”, afirma o responsável, em entrevista ao Económico Tv. As principais críticas da AEM centram-se no facto de a passagem das empresas para este novo mercado ser “automática”, na falta de informação prestada pela NYSE Euronext às empresas, no enfraquecimento do mercado principal português e

na falta de visibilidade que terão as empresas que transitarem para esse novo mercado de pequenas e médias capitalizações. Abel Ferreira lamenta que tudo o que haja actualmente sobre o novo mercado seja “um comunicado de imprensa”, e não um dossiê técnico e bem sustentado. “Há aqui uma série de actores que terão de se pronunciar”, afirma, citando as cotadas, a CMVM e o Governo. “É claro que não se vão pronunciar perante um comunicado de imprensa”, critica, acreditando que - para além de ter de haver mais explicações - há ainda margem para afinar a solução. “Eu continuo optimista que [o projecto] não se fará nestes termos”, afirma Abel Ferreira. ■



Abel Ferreira
Presidente Executivo da AEM

“A Euronext não pode, sozinha, concretizar este projecto que, desde logo, tem aspectos de duvidosa legalidade”.

